

TRATADO
DE
ECONOMIA
HERÉTICA

Título original:
Traité d'Économie Hérétique. Pour en Finir avec le Discours Dominant

«Traité d'économie hérétique» de Thomas Porcher
© Librairie Arthème Fayard 2018

Tradução:
Jorge Melícias

Revisão:
Joana Camões Pereira

Capa:
Susana Villar

Depósito Legal n.º

Paginação:



Impressão e acabamento:
?????

para
EDIÇÕES 70
Março 2026

Direitos reservados para Portugal por Edições 70

EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Emídio Navarro, 81, 3D
3000-151 Coimbra
e-mail: editoras@grupoalmedina.net

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

THOMAS
PORCHER

TRATADO
DE
ECONOMIA
HERÉTICA

PARA ACABAR COM
O DISCURSO DOMINANTE

À Sarah e ao Raphael

ÍNDICE

Introdução	15
1. A economia não é uma ciência	25
<i>Uma defesa de geometria variável</i>	27
<i>Podem dois Prémios Nobel da Economia ter opiniões</i> <i>divergentes?</i>	32
<i>Quando os economistas se enganam</i>	38
2. A submissão voluntária	45
<i>A história económica e os seus bichos-papões</i>	47
<i>Dorespeito pelo quadro vigente ao baile dos hipócritas</i>	51
3. O mito do sucesso individual	61
<i>A ciência económica e o indivíduo</i>	62
<i>Elon Musk, Steve Jobs ou Mark Zuckerberg: por</i> <i>que razão é que são (sempre!) os americanos que</i> <i>alcançam o sucesso?</i>	68
<i>Como se tornou o desempregado responsável pela</i> <i>sua situação</i>	72
4. Mercado de trabalho: reformas liberais sem fim... e sem sucesso	81
<i>Reformas, reformas e ainda mais reformas</i>	82

Tratado de Economia Herética

<i>Que dizem, afinal, os trabalhos científicos e as comparações internacionais?</i>	88
5. Despesa pública: porquê tanto ódio?	101
<i>O que se esconde por detrás do termo «despesa pública»</i>	102
<i>Mais despesa pública não significa necessariamente mais dívida pública</i>	107
<i>Redução da despesa pública e impacto social</i>	111
6. O sector financeiro, o falso amigo das empresas ..	117
<i>Acionistas, gestores e assalariados: de parceiros a adversários</i>	118
<i>Financeirização das empresas, infortúnio dos trabalhadores</i>	121
7. O bicho-papão da dívida	129
<i>«O Estado deve gerir a sua dívida como um bom pai de família ou uma empresa.» Mesmo? Então vamos lá!</i>	131
<i>Queremos realmente liquidar a nossa dívida?</i>	138
8. A destruição do modelo social: porquê tamanha obstinação?	143
<i>Quem está contra o nosso modelo social?</i>	145
<i>O modelo social contribui para o crescimento</i>	149
9. A hipocrisia climática	157
<i>A hipocrisia dos países ricos</i>	159
<i>Soluções de mercado para combater o aquecimento global</i>	167
10. A desunião europeia	175
<i>Dez anos depois da crise: em que ponto estamos?</i> ..	176

Índice

<i>A construção europeia favoreceu a concorrência entre os Estados-membros</i>	181
11. O comércio livre, instrumento de dominação maciça	185
<i>Visão encantada versus realidade do comércio livre</i>	188
<i>O comércio livre, um princípio teórico para dominar os países pobres</i>	194
<i>Os efeitos dos países ricos sobre os países pobres . . .</i>	197
12. O FMI: emprestar para melhor liberalizar.	203
<i>Quando o FMI intervém...</i>	204
<i>Dos Programas de Ajustamento Estrutural à estratégia de combate à pobreza, mudança de slogan, não de ideologia</i>	207
<i>O renascimento das políticas de ajustamento estrutural na Grécia</i>	211
13. Tratados de comércio livre que conferem plenos poderes às multinacionais	213
<i>A União Europeia, amplificadora da globalização . .</i>	214
<i>Atacar as normas para fazer crescer os lucros das multinacionais</i>	216
<i>Tribunais para impedir o aparecimento de novas regras</i>	221
Conclusão: Princípios de autodefesa contra o pensamento dominante	227
Agradecimentos	241

Os hereges de hoje são os descendentes de uma longa linhagem, reprimida, mas nunca extinta, que sobreviveu sob a forma de grupos marginalizados de excêntricos. Profundamente insatisfeitos, consideram que a observação comum é suficiente para demonstrar que os factos não se conformam ao raciocínio ortodoxo.

JOHN MAYNARD KEYNES,
La pauvreté dans l'abondance, 1934